

# INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NA ADULTIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO E AS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

## *MEDIA INFLUENCE ON ADULTIFICATION AND SEXUALIZATION AND IMPLICATIONS FOR CHILD DEVELOPMENT*

Antonia Luciana de Sousa<sup>1</sup>  
Gleydilene Ferreira Duarte Fernandes<sup>2</sup>  
Viviane Ferreira Gomes Oliveira<sup>3</sup>  
Thaynara Queiroz Rodrigues<sup>4</sup>  
Francisco Luan de Souza Carvalho (Orientador)<sup>5</sup>

### RESUMO

Este estudo realiza uma análise e reflexão acerca das implicações psicológicas no desenvolvimento infantil de crianças estimuladas pelo discurso midiático ao processo de adultização e erotização precoce. Para tanto, o trabalho possui natureza básica, de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório e descritivo constituído de revisão bibliográfica narrativa sobre a temática do desenvolvimento infantil. É notório que o poder da mídia na contemporaneidade tem cada vez mais se intensificado, acarretando transformações na nossa sociedade e influenciando diretamente em mudanças do comportamento humano, e especificamente na criança, os impactos psicossociais da exposição a essas representações midiáticas incluem: o desenvolvimento da autoimagem, autoestima, percepção da sexualidade e comportamentos associados. Diante disso, este estudo tem como objetivo investigar a influência da mídia no processo de adultização e erotização precoce e suas implicações na formação e desenvolvimento da criança, bem como refletir sobre os pressupostos histórico-conceituais da infância; analisar as questões que permeiam o processo de adultização e erotização precoce, explorando as influências midiáticas; e, por fim, discutir as implicações no desenvolvimento infantil geradas pelos estímulos midiáticos. Assim, o presente estudo tem nos revelado que a criança exposta à influência midiática propaga um desenvolvimento voltado a partir da reprodução de comportamentos, atitudes, hábitos, responsabilidades e ações típicas de uma vida de adulto, levando-nos a perceber o distanciamento ou o

---

<sup>1</sup> Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping.  
E-mail: <lucianapretin@gmail.com>

<sup>2</sup> Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping.  
E-mail: <gleydylene@hotmail.com>

<sup>3</sup> Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping.  
E-mail: <vivianegomes921@live.com>

<sup>4</sup> Acadêmica de graduação em Psicologia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Grand Shopping.  
E-mail: <thaynara.queiroz.r@gmail.com>

<sup>5</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP – UNIFOR). Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: <luan-smsb@hotmail.com>

desaparecimento da vida infantil, e conseqüentemente propiciando ao processo de adultização e erotização precoce.

**Palavras-chave:** Mídia. Adultização. Erotização. Desenvolvimento Infantil.

## **ABSTRACT**

This study conducts an analysis and reflection on the psychological implications of media-driven early adultification and sexualization in the development of children. The research has a basic, qualitative nature with an exploratory and descriptive objective, involving a narrative literature review on child development. It is evident that the influence of media in contemporary society is increasingly potent, causing societal transformations and directly affecting human behavior, especially in children. The psychosocial impacts of exposure to these media representations include the development of self-image, self-esteem, perception of sexuality, and related behaviors. In this context, the study aims to investigate the influence of media on the processes of early adultification and sexualization and their implications on the formation and development of children. It also seeks to reflect on the historical and conceptual assumptions of childhood, analyze the issues surrounding early adultification and sexualization, exploring media influences, and ultimately, discuss the implications on child development generated by media stimuli. As a result, the present study has revealed that children exposed to media influence tend to develop by imitating behaviors, attitudes, habits, responsibilities, and actions typical of adults, leading to the perception of a growing distance from or disappearance of childhood and, consequently, contributing to the processes of early adultification and sexualization.

**Keywords:** Media. Early Adultification. Sexualization. Child Development.

## **1 INTRODUÇÃO**

A concepção de criança e de infância, numa perspectiva histórico-social, está atrelada à forma como a sociedade e, conseqüentemente, a escola dá o significado desses sujeitos atualmente. Sendo assim, elegemos como foco do presente estudo a influência da mídia no processo de adultização e erotização da criança, tendo em vista que as crianças são expostas a diversos estímulos pertencentes ao mundo adulto, o que reflete em diversas implicações culturais, sociais, práticas pedagógicas e, sobretudo, psicológicas (HEYWOOD, 2004).

Para Postman (2012), a adultização e a erotização precoce se referem à tendência de se atribuir, aos comportamentos de crianças, valores e estilos de vida, típicos do universo adulto, bem como a exposição precoce ao conteúdo sexual e à

sexualização do corpo infantil. Essas práticas têm gerado preocupação entre os profissionais da área da saúde, educação e psicologia, além de pais e responsáveis, visto que podem trazer impactos para o desenvolvimento infantil.

O surgimento ou desaparecimento da infância está diretamente relacionado aos padrões existentes na sociedade, pois tem se tornado cada vez mais comum o acesso aos mesmos programas de TV, aos mesmos estilos de roupas, as refeições muitas vezes são as mesmas, devido à rotina corrida dos pais, e, dessa forma, assumem rotinas que divergem de fato da rotina de uma criança (POSTMAN, 2012).

Atualmente, com a nova configuração da sociedade, a indiferenciação entre crianças e adultos tem se tornado cada vez mais comum; a facilidade do uso das mídias, bem como essa permissão aos meios de comunicação e a circulação da criança ao mundo constituído de informações, que eram exclusivas e destinadas ao adulto, tais como a TV, a internet, as redes sociais, as danças, as músicas, entre outros, acarreta novas formas de percepção de mundo e desejos, afetando de forma drástica as vivências infantis (ARAÚJO; BRANDÃO, 2017). Sobre essa nova concepção de infância,

Poderíamos dizer que uma das principais diferenças entre um adulto e uma criança é que o adulto conhece certas facetas da vida – seus mistérios, suas contradições, sua violência, suas tragédias – cujo conhecimento não é considerado apropriado para as crianças e cuja relação indiscriminada é considerada vergonhosa (POSTMAN, 2012, p. 29).

Desta forma, a discussão dessas divergências no contexto do novo sentido da infância nos conduz a uma reflexão sobre essas culturas que se entrelaçam, com o propósito de identificar alguns princípios que sustentam a existência de uma subjetividade relativamente autônoma na criança, pois as culturas infantis refletem a cultura da sociedade em que as crianças estão inseridas, porém as crianças devem elaborá-las de maneira distinta à cultura adulta.

É importante considerar que esses espaços reconfigurados por novas tecnologias e sob a influência midiática, originadas de uma cultura “adultocêntrica”, tem provocado uma série de consequências na criança da sociedade vigente, acarretando transformações dos valores infantis, bem como o apelo ao consumo de objetos, brinquedos, vestuários, acessórios, entre outros, que têm induzido e estimulado a adultização e erotização do corpo infantil (POSTMAN, 2012).

Postman (2012) considera ainda que a indústria de roupas infantis mudou na última década, tão acelerado que, para todos os efeitos práticos, "as roupas de crianças" desapareceram. Além de diferentes formas de se vestir, os jogos de crianças que costumavam estar por toda parte nas ruas de nossas cidades, também estão desaparecendo. Araújo e Brandão (2017) salientam que, além do uso de roupas e acessórios, outros fenômenos, como o contato com músicas e danças que retratam um grande teor sexual, têm se apresentado como estímulos às crianças a utilizar o corpo infantil como fonte de prazer, comportando-se de maneira inadequada à sua idade.

É relevante ressaltar que socialmente as crianças e os adolescentes devem ser disciplinados para se tornarem adultos, pois a distinção criança e adulto fez com que a adolescência começasse a ser então percebida como um período à parte do desenvolvimento humano. Conforme Ariès (2006), a fase adolescência passa a ser então concebida como um emaranhado de fatores singulares, na qual está associada a fatores biológicos, históricos, sociais e, inclusive, às características particulares da cultura na qual o jovem está imerso.

Pensando nisso, é importante trazer a criança de volta ao mundo da infância, para entender que ela tem certa forma de estar nesse mundo, que é diferente da fase adulta. Nesse sentido, segundo Foucault (2014), a escola tem papel fundamental nesse contexto, pois é a instituição responsável por elaborar estratégias para reconstruir e representar o corpo infantil, fazendo com que a prática disciplinada de controlar o corpo possibilite um controle mais efetivo sobre ele, o que o autor chama de docilização dos corpos.

Torna-se importante, então, aprofundar a reflexão acerca dos fenômenos de adultização e erotização precoce, com um olhar crítico sobre a influência midiática no comportamento das crianças, no processo de formação, apontando a necessidade de perceber as experiências que lhes são oferecidas, a fim de promover atividades específicas e próprias do mundo infantil, distanciando-as do mundo adulto.

Nesse contexto, elegemos como foco a seguinte problemática: como a mídia tem influenciado no processo de adultização e erotização da criança? Dessa forma, a pesquisa visa explorar os impactos psicossociais da exposição a essas representações midiáticas, incluindo o desenvolvimento da autoimagem, autoestima, percepção da sexualidade e comportamentos associados.

O estudo tem como objetivo investigar a influência da mídia no processo de adultização e erotização precoce e suas implicações na formação e desenvolvimento da criança, bem como refletir sobre os pressupostos histórico-conceituais da infância, a fim de compreender as percepções e os significados acerca da infância ao longo do tempo; analisar as questões que permeiam o processo de adultização e erotização precoce, examinando as influências midiáticas; e, por fim, discutir as implicações no desenvolvimento infantil geradas pelos estímulos midiáticos.

## 2 MÉTODO

Esta pesquisa trata-se de uma escrita narrativa de caráter teórico e natureza qualitativa, a fim de analisar e refletir acerca das implicações psicológicas no desenvolvimento infantil de crianças estimuladas pelo discurso midiático ao processo de adultização e erotização precoce.

A revisão narrativa de literatura busca descrever sobre determinado assunto, baseando-se em análises e interpretações da produção científica existente (BRUM *et al.*, 2015). Tal revisão é compreendida como uma análise abrangente da bibliografia, na qual não há necessidade de estabelecer uma metodologia capaz de reproduzir a pesquisa (VOSGERAU; ROMANOWSK, 2014). Contudo, utiliza uma metodologia capaz de obter um panorama geral do conhecimento acerca de um tema, e apresentar novas evidências (ELIAS *et al.*, 2012).

A pesquisa se deu a partir de artigos publicados nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi Brasil), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), PsycINFO, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e livros publicados que contribuíssem para uma análise ampla sobre o tema.

Neste contexto, a presente pesquisa está fundamentada teoricamente nos conhecimentos de autores e pesquisadores que abordam o tema desenvolvimento infantil numa perspectiva histórica social, entre eles: Corsaro (2003), Ariès (2006), Távola (2009), Flores (2011) e Postman (2012).

Inicialmente foram selecionadas referências teóricas, bem como artigos e livros, que tratam sobre o desenvolvimento infantil; sentidos e significados da

infância ao longo do tempo, bem como, referências voltadas ao discurso midiático e sua relação com o processo de adultização e erotização precoce. A partir disso, foi realizada a sistematização e o aparato teórico para aprofundar o presente estudo, buscando relacionar tais processos com as implicações psicológicas que podem desencadear no desenvolvimento infantil de crianças estimuladas pela mídia.

Conforme Flick (2004), a pesquisa qualitativa se fundamenta em várias abordagens teóricas originárias de diversas trajetórias de desenvolvimento, incorporando a subjetividade dos pesquisadores e dos assuntos estudados como elementos essenciais do processo de investigação. Neste sentido, as reflexões, as observações, os comentários e os sentimentos dos pesquisadores se transformam em informações, constituindo uma parte integrante da interpretação.

Nesse sentido, a metodologia qualitativa é uma abordagem valiosa para a pesquisa social, que enfatiza a compreensão profunda, a subjetividade e a flexibilidade. Ela nos permite explorar a complexidade do mundo social e capturar as vozes e perspectivas das pessoas de maneira rica e significativa, podendo contribuir para um conhecimento mais abrangente e enriquecedor das questões sociais que afetam nossa sociedade.

### **3 DESENVOLVIMENTO**

#### **3.1 Pressupostos histórico-conceituais acerca da infância**

O estudo sobre as representações infantis é relativamente atual e raro, especialmente no Brasil. A busca pela compreensão da complexidade e multifacetado processo de construção social da infância e a preocupação com a criança encontra-se presente no Brasil e em outros lugares do mundo a partir do século XIX (CORSARO, 2003).

Segundo Ariès (2006), a infância não era vivida e sentida do modo como é feita atualmente. “Na sociedade medieval, a criança, a partir do momento que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes” (Ariès, 2006, p.156), não havia diferenciação entre adultos e crianças, portanto, elas os acompanhavam em eventos sociais, imitando-os na forma de se vestir e agir, e eram consideradas membros economicamente ativos da sociedade, contribuindo com a renda familiar ao acompanhar seus pais

para aprender seu ofício, geralmente em sua segunda infância, aos sete anos.

Ariès (2006) aponta que o mundo medieval ignorava a infância, e o que estava ausente era qualquer emoção da infância, *l'enfance*, qualquer consciência da particularidade infantil, qualquer reconhecimento da singularidade infantil, aquela característica que fundamentalmente diferencia a criança do adulto, mesmo quando jovem. Conforme Heywood (2004, p. 23), “[...] A civilização medieval não percebia um período transitório entre a infância e a idade adulta. Seu ponto de partida, então, era uma sociedade que percebia as pessoas de menos idade como adultos em menor escala”.

Nesse período, os índices de mortalidade infantil e de infanticídio eram altíssimos; as crianças eram facilmente substituídas por outras, principalmente aquelas que não eram consideradas saudáveis, não havendo tempo para que se criasse um vínculo real entre pais e filhos. Além disso, era comum a prática de deixar os filhos na casa de outras pessoas, para que elas os educassem até atingirem idade suficiente para possuir um trabalho e, assim, ocupar seu lugar na família.

É importante salientar que, no período anterior à Idade Moderna, as crianças eram aquelas com menos de sete anos e que não podiam se expressar. Apenas no século XVII, na Idade Moderna, vieram a ocorrer transformações centradas na manutenção da vida infantil, podendo-se ver vagamente o sentimento de infância, falado por Ariès (2006). A mudança na forma como as crianças eram criadas e educadas ocorreu após a intervenção da Igreja Católica e do Estado. Para Ariès (2006, p. 61), era como se a sociedade, somente após esse momento, “tomasse consciência de que a alma da criança também era considerada imortal”.

Ariès (2006) nos diz que o desenvolvimento do sentimento da infância é paralelo ao desenvolvimento do sentimento da família, visto que com o matrimônio e a procriação sendo considerados dons de Deus, o dever de educar e cuidar passou a ser responsabilidade direta dos pais. Sendo assim, os pais começaram a planejar melhor o nascimento dos seus filhos e a cuidar melhor deles, passando mais tempo com eles e sofrendo mais quando havia alguma perda.

De acordo com Gélis (1991), o sentimento da infância não seria algo que evoluiu de forma linear, já que é possível ter inúmeros entendimentos sobre como se entendia a infância naquele período. No entanto, teria crescido nesse período a preocupação dos pais com a educação e a saúde dos filhos. Para o autor, apenas

no século XVIII, teria surgido a individualização infantil, com a percepção da criança enquanto indivíduo sendo difundida para a sociedade. Nesse sentido, os pais passaram a se preocupar com a saúde e a educação das crianças, e elas deixaram de ter apenas a responsabilidade de carregar a linhagem da família, começando a ser alvo de cuidado, sendo reconhecida como indivíduo e, assim, tornando-se possuínte de “voz” na sociedade, podendo influenciá-la e ser influenciada.

Somente com a institucionalização da escola é que a concepção da infância começa a passar por uma transformação gradual, por meio da educação formal das crianças. Para De Mause (1991), o reconhecimento e o descobrimento da infância, e o surgimento de instituições destinadas a cuidar das gerações mais jovens, ocorreu de forma concomitante. Portanto, a partir da elaboração de uma pedagogia externa para as crianças, podemos abordar a construção social da infância (CORSARO, 2003).

A infância e o sentimento de infância foram estabelecidos após o ingresso da Era Contemporânea. Atualmente, pode-se perceber a separação da humanidade por gerações, cujas crianças não ocupam o mesmo papel social dos adultos, com ambos estando em uma esfera completamente diferente uma da outra, com os membros de diferentes faixas etárias passando a frequentar locais específicos para a sua geração, como creches, escolas, escritórios e casas de repouso, sendo o ambiente familiar o único local em que essas pessoas de diferentes idades possuem alguma proximidade física, já que há o distanciamento afetivo, na grande maioria dos casos (ARIÈS, 2006). Como consta na linha do tempo, representada na figura abaixo:



Para Fantin (2016), as crianças estão cada vez mais usurpando de comportamentos, atitudes, hábitos, responsabilidades e ações da vida adulta, acarretando o processo de adultização infantil e erotização precoce, e conseqüentemente o desaparecimento da infância. É perceptível o mundo infantil sendo configurado por um modelo idealizado de criança influenciada pela mídia, propagando muitas vezes uma imagem erotizada, apresentando apelos sexuais, antecipando práticas adultas e impactando diretamente na formação e no desenvolvimento das crianças.

É importante salientar que o conceito de infância na sociedade contemporânea vem se configurando a partir de fragmentos culturais que constituem esse novo sentimento de infância, infância marcada pelo discurso midiático, pela tecnologia e pelo consumismo exacerbado. Contudo, pesquisadores acabam por criticar a qualidade dessas relações, colocando em dúvida a eficácia das famílias para a formação de novos cidadãos, principalmente as dificuldades da relação entre pais e filhos, que têm se caracterizado como o mais emblemático tipo de conflito de gerações (ADATTO, 1998)

Conforme destacado por Corsaro (2003), além das influências naturais, as sociedades humanas têm produzido e continuam a criar significados para cada etapa da vida humana. Normas de comportamento são formalizadas para as diferentes fases da existência e se manifestam através dos papéis sociais desempenhados.

Portanto, é plausível afirmar que as gerações são moldadas socialmente. A construção social da infância se concretiza através da definição de valores morais e das expectativas de comportamento associadas a essa fase da vida. Podemos falar, então, em uma construção social da infância que se tornou mais evidente a partir do século XVIII, quando foi estabelecido um estatuto específico para essa faixa etária, assim como ocorreu com a invenção da adolescência no final do século XIX.

A infância é um construto tanto social como biológico, e estudar sobre a história de sua criação, instauração e aceitação social é também aprender como a humanidade evoluiu até tornar-se o que é atualmente.

### **3.2 Fatores influenciadores no processo de adultização e erotização precoce**

Para Postman (2012), a mídia muitas vezes retrata modelos idealizados de corpos, comportamentos e relacionamentos, transmitindo mensagens que associam a maturidade e a sexualidade a um padrão específico de aparência e conduta. Isso cria expectativas irreais e pressões sociais, acarretando comparações e a busca de adequações a esses padrões inatingíveis. Além disso, a mídia frequentemente retrata relacionamentos românticos e sexualidade de forma simplista e superficial, desconsiderando a complexidade e a importância do consentimento, do respeito mútuo e da comunicação adequada.

Os fatores externos desempenham um papel significativo no processo de adultização e erotização da sociedade contemporânea. Através de diversos meios de comunicação, como televisão, cinema, música, internet e redes sociais, estamos constantemente expostos a conteúdos que promovem uma imagem sexualizada e uma visão distorcida da maturidade. Essa exposição excessiva e prematura a elementos adultos e eróticos pode ter consequências negativas no desenvolvimento de crianças e adolescentes (POSTMAN, 2012).

Nesse cenário, as crianças e adolescentes estão cada vez mais expostos a conteúdos que antes eram considerados inapropriados para sua faixa etária. Programas de TV, filmes e músicas que contêm cenas ou letras sexualmente sugestivas são facilmente acessíveis, mesmo para as faixas etárias mais jovens. Além disso, as redes sociais e a internet permitem o compartilhamento rápido e amplo de imagens, vídeos e informações com conteúdo adulto.

É importante salientar que esses fatos resultam em uma maior exposição a estímulos eróticos e em uma inibição do processo de amadurecimento, à medida que as crianças são expostas a assuntos e situações para as quais ainda não estão preparadas emocionalmente. Postman (2012, p. 13) afirma que “[...] tanto a inocência como a curiosidade das crianças acabam se transfigurando em características pseudo-adultas medíocres”. Em sua obra *O desaparecimento da infância*, o autor afirma que:

As evidências do desaparecimento da infância vêm de várias maneiras e de diversas fontes. Há, por exemplo, a evidência fornecida pelos próprios meios de comunicação, pois eles não só promovem a desmontagem da infância valendo-se da forma e do contexto que lhes são peculiares, mas também refletem esse declínio em seu conteúdo. Há evidência a ser observada na fusão do gosto e estilo de crianças e adultos, assim como nas mutáveis perspectivas de instituições sociais importantes como o direito, as escolas e os esportes. E há evidência do tipo ‘pesado’ – cifras sobre

alcoolismo, uso de drogas, atividade sexual, criminalidade e etc. – que implica uma declinante distinção entre a infância e a idade adulta (POSTMAN, 2012, p. 134).

Contudo, a influência midiática não é o único fator responsável pelo processo de adultização e erotização precoce, mas desempenha um papel significativo ao contribuir para a construção das crenças e atitudes das crianças e adolescentes em relação à maturidade e à sexualidade. Os contextos social, cultural, familiar e individual também desempenham um papel significativo nesses processos, pois a falta de orientação adequada por parte dos pais, dos educadores e da sociedade em geral também pode intensificar os efeitos negativos dessa influência midiática.

Para exercer sua influência, a mídia utiliza diversos canais de relacionamento humano. Seu alcance abrange desde a primeira infância até a velhice, cujas crianças são alvos privilegiados. Embora não possuam poder de compra, são influenciadores significativos, caracterizados como “publicidade nos ouvidos dos pais” (RAMONET, 2002, p. 63). São, dessa forma, impactadas por consideráveis apelos vigorosos provenientes das mais diversas formas de mídia e comunicação. A publicidade tenta usar seus truques para atrair e desenvolver essas crianças consumidoras com voz e poder de compra.

Com esse comportamento, a criança passa a participar de um mundo de prazer em que os sujeitos ganham objeto de desejo, cria uma sensação de liberdade e poder. Entretanto, estas abordagens do consumo geram pessoas imediatistas e frustradas, como diz Debord (1997, p. 44): “Uma onda de entusiasmo por um determinado produto, apoiado e lançado de várias maneiras comunicação, se espalha muito rápido”. Após consumir objetos de desejo, o fetichismo da mercadoria desaparece assim que o momento de excitação frenética passa, e é preciso buscar outro desejo de consumo, pois o anteriormente obtido perde o seu valor.

Sendo assim, muitas vezes, a sexualidade é explorada e comercializada de maneira provocativa e exagerada, com imagens sexualmente sugestivas e conteúdo explícito amplamente divulgado. Essa exposição constante a uma sexualidade idealizada e muitas vezes irrealista pode levar os jovens a adotar uma visão distorcida de si mesmos e de suas próprias experiências sexuais. Além disso, essa representação pode criar uma pressão social para que os jovens se enquadrem em padrões de beleza e comportamento sexualmente objetificantes.

Como resultado desses estímulos adultos constantes, as crianças se adaptam

aos comportamentos, às atitudes, aos hábitos, aos estilos de lazer, aos cuidados, às responsabilidades e às ações típicas da vida adulta. Esse tipo de apropriação, fora do contexto lúdico, é característico do processo de adultização.

A mídia, portanto, incentiva a exposição extrema das crianças a situações que nada têm a ver com a infância. Crianças com muitos compromissos e responsabilidades e preocupadas com os cuidados físicos e com a aparência são reflexos desses estímulos. Brincar como adulto não é adulterar, mas quando brincar se torna uma preocupação ou necessidade, sim. Por exemplo, colocar maquiagem é um comportamento natural e as crianças vão imitar suas mães. Sendo assim, se uma criança faz uso de maquiagem todos os dias para os cuidados necessários com a beleza, é a lógica dos adultos, não uma brincadeira de criança (TIBA, 2011).

É importante focar que se as sugestões ou os estímulos ultrapassam os limites dessa faixa etária, isso pode acarretar problemas. Essa forma de comportamento é prejudicial e pode deixar a criança desorientada. São informações de difícil compreensão que podem ter impactos negativos para ela (OLMOS *apud* INSTITUTO ALANA, 2009). Segundo Flores *et al.* (2009, p. 10), “A sexualização do corpo infantil [...] resulta em prejuízos para o desenvolvimento da identidade da criança e representa uma ameaça à sua segurança”.

A erotização precoce ocorre quando se manifesta antes do estágio em que a criança se encontra na faixa etária apropriada para determinado estímulo. Além disso, também é considerada precoce quando os temas apresentados à criança estão além do que seria esperado para a sua idade. Um exemplo ilustrativo seria abordar questões sexuais com uma criança de doze anos que já possui certo entendimento sobre o assunto, o que estaria alinhado às expectativas para essa faixa etária.

Nesse sentido, acessórios destinados aos adultos, como roupas, calçados, maquiagens, bijuterias, são inseridos nas crianças por meios de comunicação (jornais, revistas, televisão, e até mesmo páginas on-line) e acabam trabalhando tanto o imaginário como o psicológico delas. Desse modo, a criança passa a entender tais costumes como normais e, em “longo prazo, sua atitude irá levá-la a acreditar que pode comportar-se como um adulto, o que pode ser perigoso, se pensarmos que a criança ainda não possui informações suficientes para lidar com este tipo de transformação” (FLORES *et al.*, 2011, p. 10).

Sendo assim, destaca-se a importância de estar atento aos conteúdos

consumidos na infância e o que a mídia apresenta, se o comportamento das crianças está sendo afetado por estes mecanismos midiáticos, que apresentam questões que influenciam no seu desenvolvimento, antecipando, assim, o fim da infância.

### **3.3 A influência midiática e as implicações no desenvolvimento infantil**

É notório que o poder da mídia na contemporaneidade tem cada vez mais se intensificado, acarretando transformações na nossa sociedade e influenciando diretamente em mudanças do comportamento humano, pois a rapidez das informações tem tomado grandes proporções, e com isso provocado consequências e impactos positivos e negativos na humanidade (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Nesse sentido, Sampaio (2022) enfatiza que os recursos midiáticos têm se configurado como uma ferramenta que tem facilitado a vida das pessoas em diversos aspectos (pessoal, social, acadêmica, cultural, entre outros), tornando-se algo presente no cotidiano das pessoas de forma bem intensa; por outro lado o poder da mídia tem acarretado mudanças significativas na humanidade como um todo, tornando uma sociedade refém do marketing e do consumismo exacerbado.

Nesse viés, é possível inferir que a construção da percepção de mundo começa a se formar na infância, e tal fato nos faz refletir sobre o acesso livre de crianças a diversos recursos midiáticos, e que, de maneira camuflada, afeta a vida social e cultural delas (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

A mídia na atualidade torna-se central e predominante; a facilidade de acesso e a livre permissão representam como forte instrumento motivador de pontos de vista e de subjetividades, diante do afloramento de informativos que as mídias demandam e atuam precisamente para qualquer tipo de público, inclusive, o público infantil, acarretando impactos no comportamento da criança.

Flores *et al.* (2011) afirmam que a construção da infância é diferente a cada dia, então há uma mudança constante na maneira de entender e abordar as crianças e adolescentes ao passar dos anos, problematizando a erotização trazida por meios midiáticos como nova forma de visualizar o novo modelo representativo social infantil, fato que acaba implicando na estruturação da sua própria subjetividade e visão de mundo.

Uma sociedade de consumo prospera na medida em que consegue manter

uma insatisfação constante entre seus membros. O método explícito de atingir tal efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido promovidos no universo dos desejos dos consumidores (BAUMAN, 2007).

A venda de imagem também é fator importante a se refletir; as famosas “propagandas” em que expõe a imagem infantil ao espectador, gerando na criança grande influência sobre a sua formação de caráter e sua individualidade, seu modo de agir e pensar, contudo vale ressaltar a importância dos responsáveis estarem atentos e agregarem princípios, não esquecendo a segurança da criança (GONÇALVES, 2014).

Ao mesmo tempo, visualizamos no nosso dia a dia a velocidade em que a mídia vem alcançando o público infantil, sem horário e sem pudor e que fica difícil controlar a situação, uma vez que visa lucros e atenção para quem está transmitindo o conteúdo, e nessa concepção esquecem as consequências drásticas que podem causar. As publicidades inúmeras vezes mudam os valores essenciais na construção do ser, infringe o que há de verdadeiro, a pureza e a inocência da criança, exibido pelos canais de comunicações que ela tem acesso, engatilha maus pensamentos, comportamentos, que podem colocar em risco sua vida e a do outro, pois a criança não tem o autocontrole das suas ações e emoções (TÁVOLA, 2009).

Para Paterno *et al.* (2009), a exposição infantil, sobre contextos apresentados pela mídia, incentiva em alto nível a erotização, sendo a criança incapaz de associar adequadamente a banalização sexual à ela exposto, afetando principalmente o sexo feminino; desse modo, pode ocorrer alterações drásticas no comportamento que surgem desde o modo de vestir à própria linguagem da criança.

Sampaio *et al.* (2022) salientam que o fato de a mídia ser predominante em todos os lugares e possuir grande influência aos espectadores infantis tem afetado muitas vezes, de maneira errônea, o mundo de fantasias e imaginações da criança, estimulando condutas impróprias e ações adultocêntricas, dentre elas o consumismo e a sexualidade precoce.

É importante salientar que criança é considerada um sujeito em formação que deve ser inserido em um meio para desenvolver o seu lado físico, cognitivo, afetivo, psicológico e social.

O desenvolvimento infantil inclui a evolução das habilidades motoras, habilidades de linguagem e habilidades sociais. Inclui também o desenvolvimento de cognição, inteligência, raciocínio, personalidade e,

durante a adolescência, a criação da autonomia, um sentido de individualidade e valores (...) tudo isso intensificado num mundo interativo. Quando controlam seu meio, em vez de observá-lo passivamente, as crianças se desenvolvem mais rapidamente (TAPSCOTT, 1999, p. 7).

Sobre isso, Ribeiro *et al.* (2022) apontam que a criança que é inserida precocemente ao meio virtual, em que é estimulada ao consumismo da sociedade vigente, refletindo hábitos, atitudes e comportamentos espelhados de adultos, por meio do marketing que tem o poder de direcioná-la ao consumismo de determinados produtos que não condizem muitas vezes com sua faixa etária e suas necessidades, está sujeita acarretar uma série de impactos físicos, psicológicos e sociais que prejudicam o seu desenvolvimento geral, causando irritabilidade, sono desregulado, obesidade devido ao sedentarismo, depressão, ansiedade, entre outros fatores preocupantes nessa nova infância da geração digital.

Partindo desse pressuposto, é importante salientar que a criança tem seus direitos que foram elaborados para assegurar o seu desenvolvimento saudável, garantindo a convivência familiar e a proteção contra qualquer forma de violência, discriminação, crueldade, etc., como contemplada pela Constituição Federal de 1988, art. 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Vale ressaltar que os impactos da mídia abrangem o público infantil sem distinção de classe social, tornando-o assim incapaz de construir seu próprio senso crítico e objeções sobre as propagandas exibidas. Nela se observa o poder de se construir um novo modelo de protagonista de acordo com que é repassado através das informações sugeridas, tornando-se um sujeito completamente submisso às programações remetidas, comprometendo comportamentos que são modelados de acordo com o que está se projetando (SAMPAIO *et al.*, 2022).

Fantin (2016) corrobora que a mídia influencia significativamente e diretamente no desenvolvimento da criança, tornando-se propagadores constituídos em vários espaços, modificando os comportamentos dos indivíduos, dominando principalmente as crianças que passam a ser vítimas desses produtos midiáticos. Além disso, a mídia tem o poder de causar impactos significativos na vida dos

sujeitos, acarretando consequências positivas ou negativas, alterando o seu comportamento, atingindo especialmente crianças, na qual estão na fase de desenvolvimento cognitivo, intelectual, cultural, social e de personalidade.

Dessa forma, o Estatuto da Criança e Adolescente ressalta o direito da criança a ser ouvida em situações que lhe respeitam, que se refere aos direitos à liberdade, ao respeito e à dignidade.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor (BRASIL, 1990).

Portanto, existe uma responsabilidade tripla entre família, sociedade e Estado. O Estado é responsável para que haja a efetivação dos direitos da criança, para que não ocorra nenhuma negligência; a família, como meio primordial para o desenvolvimento da criança, deve se responsabilizar pelas regras e pelos limites de acesso aos meios midiáticos; e a sociedade, por sua vez, é de fundamental importância para proteger, garantir e principalmente controlar essa inviolabilidade da vida privada da criança e garantir o cumprimento dessa lei constitucional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos realizados para o presente trabalho, cujo objetivo foi analisar a influência da mídia no processo de adultização e erotização precoce, e suas implicações na formação e no desenvolvimento da criança, nos revelou uma reflexão acerca da influência da mídia para com a criança em processo de formação, considerando que, cada vez mais, as crianças são expostas a diversos estímulos pertencentes ao mundo adulto.

É possível considerar que as crianças estão cada vez mais se configurando e se desenvolvendo a partir da reprodução de comportamentos, atitudes, hábitos, responsabilidades e ações típicas de uma vida de adulto, levando-nos a perceber o distanciamento ou o desaparecimento da vida infantil.

É perceptível que, no contexto atual, a infância é marcada por um mundo paralelo da criança: de um lado, a fantasia/o mundo fictício; e por outro, a realidade

influenciada pelos meios midiáticos. Estes, por sua vez, apresentam-se por meio da erotização, com apelos sexuais, que acabam por antecipar ações e comportamentos autocêntricos, impactando diretamente no desenvolvimento da criança.

Essa reflexão acerca das crianças na sociedade vigente nos remete a alguns aspectos culturais que constituem os novos sentidos de infância, caracterizados pelos avanços tecnológicos e pelo consumismo exacerbado. Dessa forma, modificar atitudes e comportamentos de uma criança nos traz reflexões sobre as práticas pedagógicas, que também estão presentes na sua vivência, e apresentam-se muitas vezes com discursos adultizados, cujos conteúdos refletem de forma indireta na antecipação da escolarização.

Pensando nisso, é importante também ressaltar que a escola constitui o locus privilegiado de adestramento dos corpos; ela busca reproduzir discursos da sociedade vigente que, de forma indireta, acaba persuadindo o mundo infantil, dominando seus comportamentos e configurando indivíduos moldados, conforme a determinação do outro.

Embora o ambiente familiar e a escolar possuam grande influência nesse processo de mudança de comportamento da criança, a mídia ainda prevalece como estímulo principal de mudança de padrão de comportamento da criança, visto que ela passa grande parte do tempo envolvida com esse meio. As informações expostas têm contribuído na formação de valores e caráter, tornando-se persuasivas na estruturação da personalidade e na formação de opinião das crianças.

Portanto, a partir disso, torna-se importante pensar na escola como uma aliada, junto à família, na missão de propagar uma educação voltada para crianças de acordo com sua fase e suas etapas de desenvolvimento, bem diferente do que está sendo imposto nos livros didáticos e nas metodologias de ensino; é necessária que se propague uma educação que desenvolva valores, sentimentos e cidadania, com linguagem destinada exclusivamente para criança, utilizando-se do seu discurso para a motivação e mediação da construção de novos conhecimentos, contribuindo para o desenvolvimento integral e de suas inúmeras potencialidades.

## REFERÊNCIAS

ADATTO, Kiku. Conceito de infância passa por transformação. *In: O Estado de São Paulo*, 1998.

ARAÚJO, Marta Valéria Silva *et al.*. A adultização de crianças na sociedade contemporânea: o desaparecimento da infância e a construção de um “novo velho sujeito”. **Anais IV CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/35726>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

ARAÚJO, Delcymaria Dantas de. **Adultização infantil no século XXI: uma abordagem histórica acerca das concepções de infância**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2016. Disponível em: <[https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/37821/3/Adultiza%C3%A7%C3%A3oInfantil\\_Ara%C3%BAjo\\_2016.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/37821/3/Adultiza%C3%A7%C3%A3oInfantil_Ara%C3%BAjo_2016.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2023.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente**. Decreto-Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Coordenação de Publicações, 1991.

BRUM, C. N. *et al.* Revisão narrativa de literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. *In*: LACERDA, M. R.; COSTENARO, G. S. **Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática**. Porto Alegre: Moriá, 2015.

CORSARO, W. **We're friends, right?: inside kid's cultures**. Washington, DC: Joseph Henry, 2003.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE MAUSE, Lloyd. **História de la infância**. Madri, Alianza Universid: 1991.

DEUS, Meiridiane Domingues de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. **Pensando nas famílias**, v. 20, n. 2, p. 56-69, 2016.

DUARTE DA SILVA, Débora Kelly; BORGES DOS SANTOS, Isabella Karen; CARDOSO DA SILVA JUNIOR, Mauricio. **Considerações sobre a “adultização” da infância na contemporaneidade**. CIPSI UEM. Maringá PR, 2018. 5 p. Disponível em: <[https://www.npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6\\_319\\_1523803874.pdf](https://www.npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6_319_1523803874.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2023.

ELIAS, C. S. *et al.* Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **SMAD: Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012.

FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. Questões e perspectivas da pesquisa com e sobre crianças no contexto da mídia e da cultura. *In*: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA: DESAFIOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS, 2, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre. v. 1, 2014.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORES, Alice Lacerda Pio *et al.* Erotização e Infância: as duas faces da publicidade. **Revista Anagrama**, ano 4, 3. ed. USP: São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.usp.br/anagrama/Flores\\_Infancia.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Flores_Infancia.pdf)>. Acesso em: 04 mai. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramallete – Petrópolis, 2014.

GÉLIS, J. A individualização da criança. *In*: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Org.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 311-329.

GONÇALVES, Tamara Amoroso. A regulamentação da publicidade dirigida a crianças: um ponto de encontro entre o direito da criança e do adolescente e o direito do consumidor. **Revista Luso-Brasileira de Direito do Consumo**, v. 4, n. 14. 2014. Disponível em: <[https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/75206/regulamentacao\\_publicidade\\_dirigida\\_goncalves.pdf](https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/75206/regulamentacao_publicidade_dirigida_goncalves.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2023.

GUTJAHR, Mayara; MICHELA JOHN, Valquíria. Gênero, erotização precoce e infância: as representações sociais da identidade infantil pelo suplemento infantil folhinha. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (**Anais Eletrônicos**). Florianópolis, 2012, 2013. 8 p. Disponível em: <[chromeextension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373295256\\_ARQUIVO\\_Mayara\\_Gutjahr\\_Valquiria\\_Michela\\_John\\_Fazendo\\_Genero.pdf](chromeextension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373295256_ARQUIVO_Mayara_Gutjahr_Valquiria_Michela_John_Fazendo_Genero.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2023.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 21-47.

INSTITUTO ALANA. **Na publicidade, o paradigma e o modelo de pertencimento são dados de fora para dentro**: entrevista com Ana Olmos. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/NoticiaIntegra.aspx?id=5928&origem23>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MENEZES, Sandra Maria Moreira de. A adultização da infância pela mídia: uma leitura sócio-histórica. **Revista psicologias**, v. 2, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/super/Downloads/269-Texto%20do%20artigo-1244-1-10-20160428>>. Acesso em: 04 abr. 23.

NASCIMENTO, C. T. do; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, 23(79), 47–63, 2013. Disponível em:

<<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2008.79.47-63>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

NIEHUES, Mariane Rocha; COSTA, Marli de Oliveira. Concepções de infância ao longo da história. **Rev. Técnico Científico (IFSC)** v. 3, n. 1 (2012). Disponível em: <[https://www.academia.edu/35859598/CONCEP%C3%87%C3%95ES\\_DE\\_INF%C3%82NCIA\\_AO\\_LONGO\\_DA\\_HIST%C3%93RIA](https://www.academia.edu/35859598/CONCEP%C3%87%C3%95ES_DE_INF%C3%82NCIA_AO_LONGO_DA_HIST%C3%93RIA)> . Acesso em: 28 mai. 2023.

OLIVEIRA, M. R. F. de; SILVA, L. D. B. da; PASCHOAL, J. D. Os lugares da infância nos editoriais de moda: uma análise sobre a adultização da criança na sociedade do consumo. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp3, p. 1856–1872, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14361>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

PAULA, M. H. *et al.* **Adultização e erotização infantil**: a influência social. Seminário de iniciação científica e seminário integrado de ensino, pesquisa e extensão, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/18093>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PATERNIO, K. *et al.* **Normalização da Erotização da Infância**: Cotidiano Escolar. Seminário de Pesquisa do PPE – Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <<https://www.uricer.edu.br/cursos/index.php?&cod=18>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2012.

RAMONET, Igmacio. **Propagandas silenciosas**: massas, televisão, cinema. PETRÓPOLES, RJ: VOZES, 2002.

RIBEIRO, Patrícia Ellmer de Carvalho; FERREIRA, Bruna Milene. A erotização infantil nas mídias eletrônicas: uma discussão necessária para pais e mestres. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**. v. 8, n. 1, jan./dez. 2022. Disponível em: <<https://www.unifan.edu.br/revistas2/index.php/RevistaISE/article/view/830>> . Acesso em: 28 mai. 2023.

ROCHA, R.C. L. História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes. **ANALECTA** Guarapuava, Paraná, v. 3, n. 2, p. 51-63, jul/dez. 2002. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/28155072/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMASCONCEPCOES-CORRENTES>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

RÜCKERT, Bianca; CUNHA, Daisy Moreira; MODENA, Celina Maria. Saberes e práticas de cuidado em saúde da população do campo: revisão integrativa da literatura. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, 2018.

SAMPAIO, Evillyn Oliveira *et al.* Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização? **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/665>>. Acesso em: 22 set. 2023.

SILVA, C. R. da *et al.* Erotização infantil no contexto midiático. **Anuário Pesquisa E Extensão. Unoesc Videira**, 4, e 20595, (2019). Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/apeuv/article/view/20595>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

TÁVOLA, A. TV, criança e imaginário. *In*: PACHECO, E. (Orgs.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papyrus, 2009. p. 39-49.

TAPSCOTT, D. **Geração Digital: A crescente e irreversível ascensão da Geração Net**. São Paulo: Makron Books, 1999.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Editora Gente, 2002.

VECTORE, Celia *et al.* "Ele foi orçado, mas não planejado!": a infância na contemporaneidade. **CES Psicol** [online]. 2018, vol.11, n. 2, pp. 37-52. Disponível em: <<https://doi.org/10.21615/cesp.11.2.4>.[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2011-30802018000200037](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-30802018000200037) & lng= pt\ nrm=is>. Acesso em: 06 abr.2023.

VOSGERAU, D. Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, 14(41), 165–189, (2014). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189130424009.pdf>> . Acesso em: 15 abr. 23.

